

PARA A CONSTITUIÇÃO DE UM CONJUNTO DE MARCADORES ENUNCIATIVOS INTERMODAIS

0. Trabalhando no quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas procuro, neste estudo, definir algumas propriedades que caracterizam a forma linguística *mal*.

Considerarei *mal* um marcador de operações enunciativas que toma diversos valores em função de diferentes factores.

Caracterização de alguns comportamentos

Aos diversos valores de *mal* atribuem os gramáticos diferentes etiquetas:

- (a) **Conjunção temporal** (Cunha / Cintra 1984: 583)
- (b) **Advérbio de modo** (Cunha / Cintra: 539)
- (c) **Advérbio de quantidade** (Cuesta / Luz 1980: 453, 544)
- (d) **Substantivo** (que não tratarei aqui)

Vejamos dois exemplos atestados ¹.

(1) *Farid trata-a por esposa, mas Lisete diz que mal o conhece.*

Consideremos que com a colocação do advérbio *mal* após o verbo, o enunciado (2) não é equivalente a (1).

(2) *Farid trata-a por esposa, mas Lisete diz que o conhece mal.*

Consideremos, por outro lado, que a substituição de *mal* por *quase não* (apenas possível antes do verbo como em (1)) não parece introduzir alteração significativa:

(1') *Farid trata-a por esposa, mas Lisete diz que quase não o conhece.*

Resumamos este primeiro caso. *Mal*, em **anteposição**:

- a) é substituível por *quase não*;

¹ Alguns destes exemplos foram retirados de *O Independente* de 28/1/94.

b) modifica o verbo. Poderemos, neste caso e na esteira de Klima (1964), Fillmore (1969), Stockwell e outros (1973), considerar *mal* como um "pré-verbo" negativo constituindo uma negação incompleta ou fraca;

c) corresponde a um advérbio de 'quantidade' segundo Cuesta / Luz (idem, *ibidem*).

Mal, posposto ao verbo,

a) não mantém o mesmo valor que anteposto;

b) corresponde a um advérbio de 'modo' segundo Cunha / Cintra (idem, *ibidem*).

Vejamos um segundo exemplo atestado.

(3) *Regressou Farid então a França e da casa da jovem pretendida ouviram-se suspiros de alívio. Mal sabiam que, em Setembro, o rapaz voltava à carga. Para não mais sair.*

Verificamos que neste caso (3)

a) *Mal* não é substituível por *quase não*;

b) *mal* funciona bem com o imperfectivo: *mal sabem eles que...* ; *mal sabiam eles que...* , e não funciona com o perfectivo: * *mal soube ele que...* .

c) *Mal* não pode aqui ser considerado um "pré-verbo" negativo. Parece ser um advérbio de "negação forte".

d) Neste caso, *mal* não pode ocorrer depois do verbo²

As sequências seguintes retomam e sintetizam os valores referidos:

(4) *o Miguel caiu mal*

(5) *a Rita mal caiu*

(6) *o João mal caiu, levantou-se*

² [...] *sabiam mal* [...] pode constituir uma especificação do saber cognitivo (*eles sabiam mal a lição*) ou gustativo (*as maçãs sabiam mal*). Mas não é bem formada a sequência **sabiam mal que ...* , enquanto que a sequência *mal sabiam que...* é bem formada.

(7) *a Inês mal sabia que ia cair*

De acordo com os gramáticos, em (4) *mal* é um advérbio de modo, como em (2); em (5) *mal* é um advérbio de quantidade, como em (1); em (6) *mal* é uma conjunção temporal.

Quanto a (7), como em (3), as gramáticas parecem desconhecer este uso.

Nos enunciados (4), (5) e (6) há três ocorrências³ distintas da noção /cair/. *Mal* intervém de formas diferentes na construção ou na encarnação da noção.

1. A gramática e também a linguística têm utilizado um critério formal para classificar as várias ocorrências da palavra *mal* de acordo com as suas características internas, com suas funções e com o seu comportamento em contexto discursivo. Como vimos nos exemplos anteriores, uma mudança de posição, por exemplo, aparentemente insignificante, pode alterar completamente o valor da palavra, o sentido de uma frase ou até tornar a sequência mal formada.

A questão essencial é a seguinte: **os diversos valores de *mal* não reenviarão para uma operação fundamental de que *mal* seria afinal um marcador complexo?**

Esta parece ser a tentativa do modelo de A. Culioli ao estabelecer como objectivo último a procura de invariantes⁴.

A introdução do conceito de relação de localização abstracta ('repérage'), construída pela operação fundamental representada pelo operador de localização abstracta $\underline{\in}$ permite uma construção teórica unificada, um trabalho transcategorial ligando a determinação, a modalidade, o aspecto, o tempo. A ideia fundamental é que um objecto adquire um determinado valor graças a um

³ Uma ocorrência é uma manifestação de uma propriedade no tempo e no espaço (Franckel & Paillard 1989: 122). As ocorrências são entidades produzidas pela enunciação (de Vogüé 1988: 114). Ver também Culioli 1981 entre outros. A noção de acontecimento presente no termo *ocorrência* reenvia directamente à ancoragem situacional.

⁴ "On posera que, parmi l'ensemble des phénomènes que j'ai appelés plus haut 'configurations spécifiques', il existe un sous-ensemble qui, effectivement, peut être ramené à un certain nombre de catégories, de schémas, de relations, de termes primitifs, d'opérations, d'enchaînements d'opérations qui vont nous permettre de dégager des *invariants* que l'on retrouve, sous-jacents à l'activité de langage [...]" (Culioli 1988: 42; 1990: 14-15).

sistema de localização abstracta.

Trata-se de apreender a significação de um enunciado num determinado contexto como o resultado de um encadeamento de operações e as unidades que o compõem não como unidades intrinsecamente carregadas de sentido mas como configurações específicas de parâmetros operatórios que engrenam e especificam essas operações. Digamos que uma determinada unidade especifica a sua *determinação interna* e é especificada por *determinações externas*⁵.

Outro conceito fundamental para formular as diferenças de funcionamento de uma unidade como *mal*, por exemplo, é o de *ocorrência* (ver nota 3): uma mesma unidade pode corresponder a vários tipos de ocorrência em função das determinações que estão em jogo.

Para Franckel & Paillard (1991: 116) uma ocorrência enquanto acontecimento enunciativo estabelece uma relação variável entre duas formas de delimitação de uma noção :

- delimitação quantitativa, notada QNT, que se associa à ancoragem espaço-temporal da ocorrência;

- delimitação qualitativa, notada QLT: uma ocorrência da propriedade P pode ser *verdadeiramente P, não verdadeiramente P, absolutamente não-P*.

Podemos, assim, esquematicamente representar os acontecimentos enunciativos de (4), (5) e (6):

(4') O Miguel caiu {QNT (QLT)} *mal* (QLT)

(5') A Rita *mal* caiu {QNT, QLT}

(6') O João *mal* caiu {QNT (QLT)}, *levantou-se* {QNT (QLT)}

A partir desta dissociação entre delimitação QNT e delimitação QLT, podemos, por exemplo, dar conta de dois valores do advérbio *mal*:

- quando *mal* está anteposto ao verbo ele é um marcador de uma avaliação da relação da ocorrência designada por esse verbo com a propriedade / escrever /,

⁵ Entende-se por *determinações externas* o conjunto das determinações situacionais que relevam dos parâmetros da enunciação: S (sujeito) e T (tempo), e contextuais. Por *determinação interna* entende-se a relação Qlt Qnt própria de cada termo. Ver Franckel & Paillard 1991: 117.

por exemplo:

(8) *ele mal escreve*

- quando *mal* está posposto ao verbo, incide sobre uma ocorrência da propriedade / escrever /, já estabilizada:

(9) *ele escreve mal*

2. Reconstrução de um processo em que *mal* é o termo⁶ CONSTRUTOR- A

A **operação de localização** constrói uma relação binária entre um termo localizador e um termo localizado. Paillard (1992: 77) distingue a localização enquanto **construção** de um termo (através da sua relação com outro termo) da **especificação** de um termo (por outro termo). Deste modo, construção e especificação são duas formas distintas de determinação. A localização enquanto construção de um termo está ligada à predicação de existência e por isso à **quantificação**; a localização enquanto especificação é uma operação de **qualificação**. O termo localizado adquire determinação que não tinha antes.

Vejamos de novo

(8) *ele mal escreve*

Mal introduz uma avaliação da relação da ocorrência à propriedade.

A propriedade / escrever / não chegou a ser objecto de qualquer centragem porque *mal* inviabilizou essa estabilização nocional remetendo a ocorrência da propriedade para a fronteira do domínio estruturado em três zonas: Interior, Fronteira e Exterior. O Interior contém um centro atractor que corresponde ao valor alto grau da propriedade, o Exterior que corresponderia às ocorrências que não validam a relação predicativa < () escrever > e a Fronteira em que a ocorrência manifesta ainda algumas características da propriedade mas está situada num ponto muito afastado do centro de tal modo que se põe a questão da passagem ao complementar linguístico aqui representado pelo Exterior. Poderíamos dizer que a ocorrência está situada num gradiente mas num ponto

⁶ "Termo" designa aqui um objecto linguístico ou metalinguístico. Segundo Campos (1994: 4) pode ser um parâmetro enunciativo Sujeito (S) ou Tempo-espaço (T) que definem uma Situação de enunciação, ou Sistema referencial, localizador último ou localizador origem.

tão afastado do centro atractor que revela características negativas.

Digamos que *mal*, ao contrário de *bem*, *verdadeiramente*, *mesmo*, é um termo **qualitativamente negativo** que arrasta a relação sobre a qual incide para a fronteira.

O complementar de *escrever* é *não escrever*, isto é, *não ter aprendido a / não saber escrever*. Ora, o que está em causa no exemplo (8) é a construção de uma ocorrência da propriedade *escrever*, delimitada quantitativa e qualitativamente.

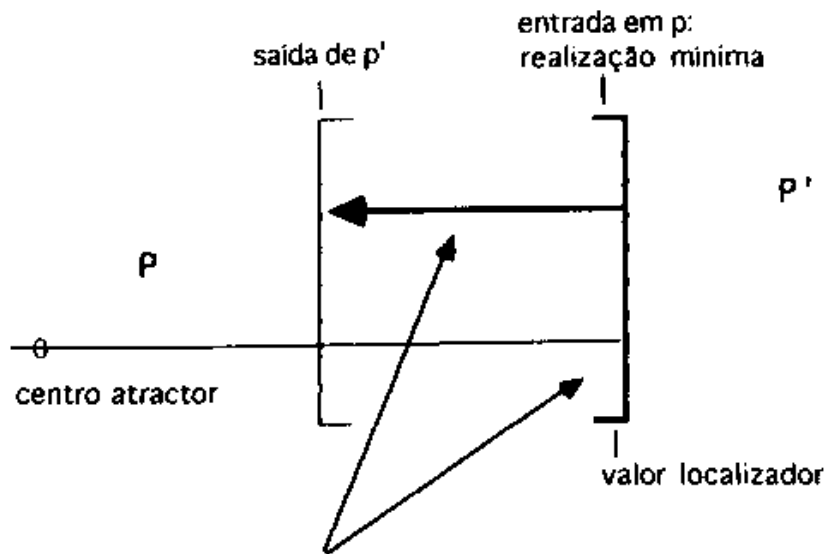
Essa ocorrência em (8) releva de um funcionamento específico do operador de localização abstracta e corresponde à operação de **construção**.

Procuremos reconstruir o processo de construção do enunciado (8).

2.1 Com este enunciado, distinguimos uma primeira relação entre o sujeito do enunciado (*ele*) e uma noção (*escrever*) que constitui uma asserção positiva: *ele escreve*. Mas o enunciador modaliza a afirmação com uma apreciação negativa marcada por *mal*. Estamos assim na Fronteira entre a asserção positiva e a asserção negativa.

Para o enunciador, o sujeito do enunciado possui as qualificações mínimas para uma predicação positiva. *Mal* indica que se está no limite da realização da relação predicativa. Trata-se de uma ocorrência mínima desprovida da maior parte das propriedades atribuíveis ao predicado de tal forma que se pode considerar que a relação predicativa foi realizada à justa ou que não foi estritamente realizada. De qualquer modo, **o limite de entrada no domínio positivo é o valor localizador** para o qual se orienta a relação mesmo se a ocorrência não passa para lá desse limite dado tratar-se de uma ocorrência mínima. *Mal* situa a ocorrência na Fronteira que compreende o limite de entrada no domínio positivo (p) e um espaço contíguo, o exterior (p'), com uma orientação para o limite de entrada no domínio positivo, que serve de valor localizador (permanecendo no limite de entrada do domínio positivo p), e por isso com uma orientação positiva a que chamo **proclive**.

Representemos topologicamente esta construção (inspirada em Ratić 1989: 78)

(8) *ele mal escreve*

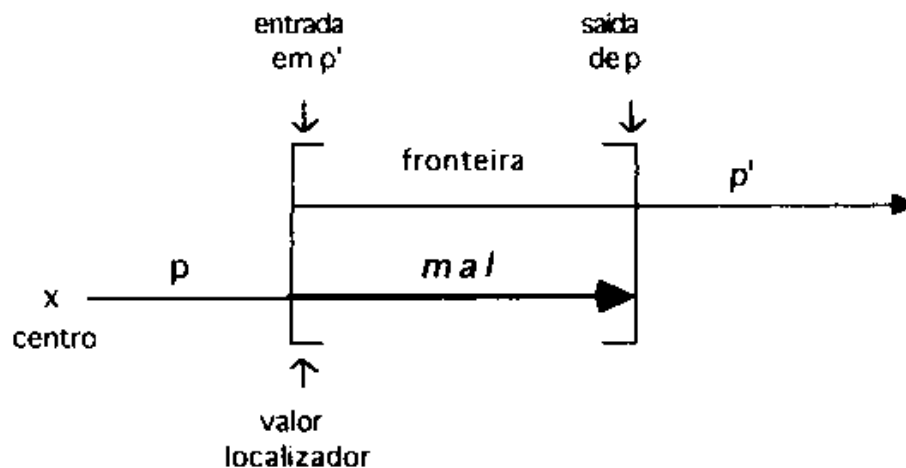
2.2 Mas *mal* pode introduzir uma outra orientação na relação predicativa.

O enunciador aprecia negativamente essa afirmação - *ele mal escreve*. A orientação modal da asserção positiva é invertida, o enunciador indica que a relação quase que não é validável, que ela está próxima da não existência. Há assim uma orientação para o valor localizador nulo, a ausência de predicação. O intervalo que separa a realização da relação predicativa da sua não realização é reduzido.

A relação predicativa situa-se assim no limite do domínio nocional positivo (p) em direcção ao limite de entrada do domínio nocional negativo (p'). *Mal* marca por isso uma **orientação modal negativa**, a que chamo retroclive. Trata-se do mesmo valor que encontramos em *quase não*.

Mal localiza a relação predicativa na Fronteira (realização fraca, positiva ou negativa, da relação predicativa) compreendida entre a saída de p e o limite de entrada em p' que constitui o valor localizador.

Uma representação topológica desta situação:



Mal focaliza o valor localizador - limite de entrada em p' , zona de não realização da relação predicativa. A ocorrência afasta-se assim das propriedades definitórias da noção aproximando-se do exterior podendo até coincidir com o valor localizador que é negativo.

2.3 Como vimos, este processo de construção do enunciado apresenta uma convergência que é a que intuitivamente sobressai a qualquer falante do português: a ocorrência afasta-se de tal forma do centro attractor do domínio nocional que é entendida como ocorrência mínima.

No primeiro caso (2. 1) *mal* marca o afastamento da ocorrência em relação ao valor alto grau das propriedades da noção devido à dificuldade de atingir p .

No segundo caso (2. 2) *mal* marca o afastamento da ocorrência em relação ao valor alto grau das propriedades da noção devido à dificuldade de permanecer em p .

No primeiro caso a orientação em relação ao valor localizador é de p' para p .

No segundo caso a orientação em relação ao valor localizador é de p para p' .

3. Reconstrução de um processo em que *mal* é ESPECIFICADOR - B

(9) *ele escreve mal*

1. Neste caso, *mal* incide sobre uma ocorrência estabilizada.
2. A apreciação qualitativa introduzida por *mal* é por isso feita *a posteriori*.

3. Digamos que o complementar de *escrever mal* é *escrever bem*.

4. Se *bem* corresponder à propriedade *escrever*, ou seja, se *bem* conduzir a ocorrência até ao centro atractor representante do valor alto grau da propriedade /*escrever*/, *mal*, será o seu oposto e estamos por isso no complementar antinómico de *bem*.

5. Nesta perspectiva, *mal* é o marcador de uma diferenciação em relação à ocorrência virtual de *escrever bem* situada no centro atractor, arrastando a relação predicativa para a Fronteira do domínio da noção *escrever* e não para o exterior estrito que corresponderia ao complementar de *escrever*, a saber, *não escrever*. Assim se compreende a expressão *ele escreve bem mal* em que a ordem não pode ser invertida: **ele escreve mal bem*. Mas, por outro lado, tratando-se de enunciados exclamativos em que o advérbio *bem/mal* é graduado superlativamente, são possíveis os dois casos, ou seja, com *bem* e com *mal* antepostos ou pospostos: *ele muito bem escreve!* / *ele muito mal escreve!*.

6. *Escrever bem* ou *escrever mal* corresponde ao funcionamento do operador de localização abstracta. A ocorrência em (9) relewa de um funcionamento específico do operador de localização abstracta $\underline{\Xi}$ e corresponde à operação de *especificação* (ver Paillard 1992: 75-79). Notemos que esta operação se efectua depois de uma operação de construção como verificámos antes. Tendo havido já uma delimitação QNT (QLT) da propriedade *escrever*, faz-se intervir uma determinação QI.f. Digamos que há uma determinação suplementar que incide sobre uma relação predicativa já validada correspondente a <ele escrever>.

A asserção positiva inicial *ele escreve* mantém-se havendo apenas a instanciação de um lugar vazio que qualifica a propriedade: < ele, escrever, () >. *Mal* vai instanciar esse lugar vazio sem no entanto pôr em causa a estabilidade primeira.

4. Relação de localização entre dois processos

4.1 Valor pontual (perfectivo: temporal-aspectual) - C

Vejam os valores temporais-aspectuais introduzidos por *mal* no enunciado (6), que repetimos, ou no enunciado (10):

(6) *o João mal caiu, levantou-se*

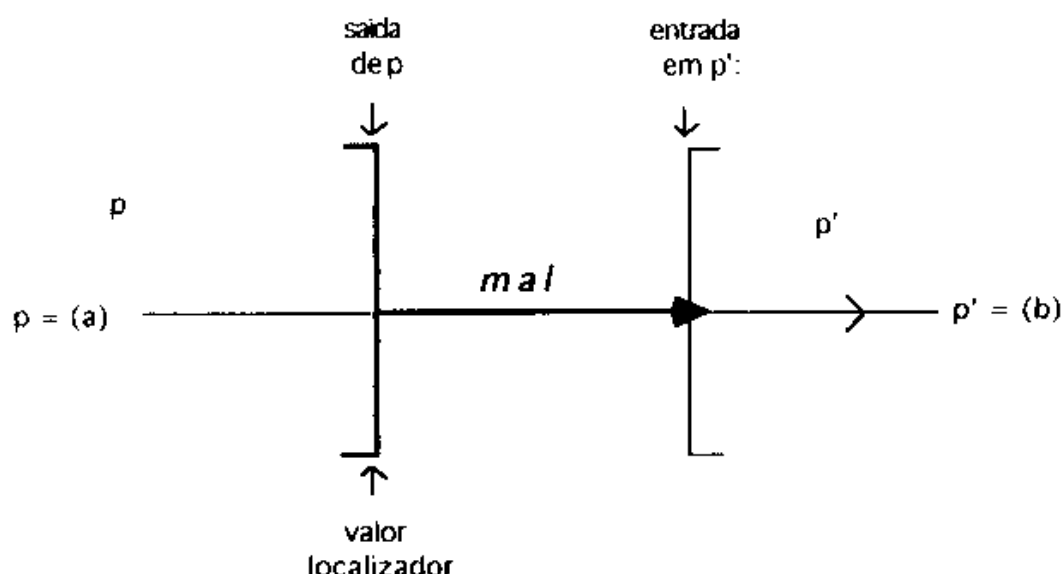
(10) *mal entra em casa, logo se põe à janela*

Temos uma ocorrência do predicado *cair / entrar* que está no limite da realização da relação predicativa.

É nítida a relação temporal entre o processo (a) e o processo (b). A relação entre (a) e (b) é uma relação temporal consecutiva entre o fim do processo (a) e o início do processo (b): o processo (a) serve de localizador ao processo (b), o começo do processo (b) está localizado pelo fim do processo (a). *Mal* indica que o processo (b) não pôde começar antes de o processo (a) ter acabado.

O valor localizador temporal é constituído pelo limite de saída de p, ou seja, o momento em que termina o processo (a). Com *mal* o enunciador avalia subjectivamente a distância que separa o fim do processo (a) e o começo do processo (b) considerando-a reduzida ou nula e por isso estamos perante uma aparente simultaneidade⁷.

Representemos este valor temporal-aspectual que decorre de uma relação de localização entre dois processos:



O processo (b) começa imediatamente após o fim do processo (a).

A partir do limite de realização do processo (a) *mal* orienta para a fronteira de entrada de p' marcando o início do processo (b). O limite de entrada em p' está situado imediatamente após o limite de realização de p. A ideia de imediatez contida em *mal* reduz a distância entre os dois limites e daí advém uma relação de quase concomitância entre (a) e (b). Daí o valor iterativo de (7') e o valor pontual, perfectivo de (11) e (12).

⁷ Este valor de *mal* é o mesmo que podemos encontrar em *apenas* ou *logo* que: (6') *apenas* caiu, levantou-se; (6'') *logo* que caiu, levantou-se; (10') *apenas* entra em casa, logo se põe à janela (10'') *logo* que entra em casa, põe-se à janela.

4.2 Operações de modalização enunciativa introduzidas por *mal* - NEGAÇÃO INTERMODAL — D

Retomemos o caso referido no início :

(3) *Regressou Farid então a França e da casa da jovem pretendida ouviram-se suspiros de alívio. Mal sabiam que, em Setembro, o rapaz voltava à carga. Para não mais sair.*

Para abreviar esta longa sequência, glosá-la-emos (resumindo-a) por (3') *mal [eles] sabiam o que lhes aconteceria.*

Segundo Franckel & Lebaud (1990: 87-102; ver também Culioli [1986] 1990: 131-134) o funcionamento do verbo *saber* põe em evidência duas propriedades indissociáveis:

- o sujeito de *saber* (Si) não constitui o pólo de ancoragem situacional do termo complemento Q: a existência de Q (operação QNT) é, para o sujeito, estabelecida independentemente da sua construção como complemento de *saber*.

- Si constitui a instância de identificação das propriedades de Q (determinações qualitativas (QLT) do termo complemento). As propriedades atribuídas por Si ao termo complemento são as propriedades desse termo.

Resumidamente, dir-se-á que *saber* marca que o sujeito de saber (Si) é a instância de identificação das propriedades de um termo (objecto de uma determinação QNT independentemente de Si) e as propriedades que lhe atribui Si.

Com *mal* a construção da significação faz-se num espaço intermodal

Por que é que (3') é uma sequência bem formada?

Por que é que (13) não é uma sequência bem formada?

* (13) *Mal eu sei o que me vai acontecer*

Parece que só uma perspectiva estereoscópica nos dará conta de dois relevos que se escondem por detrás da linearidade do texto ⁸. O processo de construção releva então de três componentes essenciais de que *mal* é um marcador complexo: a) o enunciador (S₀) diferencia-se do sujeito do enunciado (S_i); b) a organização temporal é complexa; c) os saberes do enunciador e do

⁸ **Texto**, entendido como um agenciamento de marcadores de operações predicativas e enunciativas.

sujeito do enunciado são diferentes.

Mal situa assim esta construção num **espaço intermodal** em que se joga sobre a positividade e a negatividade, as expectativas, a concentração num mesmo tempo de saberes relativos a tempos diferentes, o saber e o não saber.

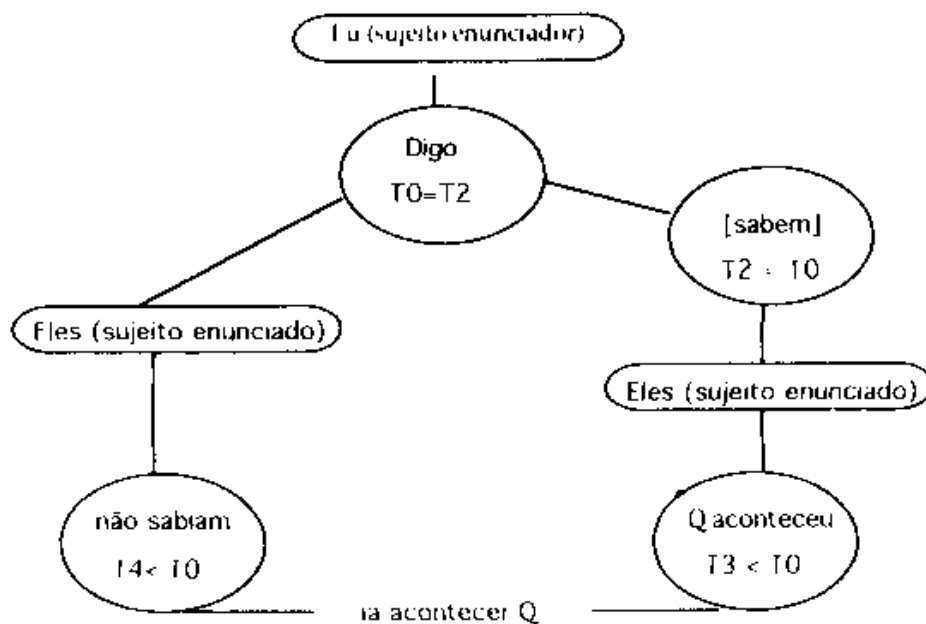
O sujeito do enunciado não é apresentado como o responsável da validação da relação.

Mal, no plano do enunciador, é o marcador de que em T_0 , S_0 sabe. Daí podermos atribuí-lhe um valor polémico. Por isso, em conjugação com o tempo verbal, um acontecimento anterior apresenta-se como posterior ao tempo da enunciação⁹.

Dada a importância da construção temporal de

(3) *mal [eles] sabiam o que lhes aconteceria*, procuremos muito simplesmente esquematizá-la:

Eu, sujeito enunciador, digo em $T_0 = T_2$ que o sujeito do enunciado **não sabia** em $T_4 < T_0$ o que lhe ia acontecer em $T_3 < T_0$ e que lhe aconteceu em $T_3 < T_4$. Mas agora em $T_0 = T_2$ o sujeito do enunciado **sabe**. Procuremos representar esquematicamente esta construção:



⁹ Lembremos que o Imperfeito não constrói, ele é uma perspectiva sobre um acontecimento ou, como o define de Vogüe (1993: 81) "une affaire d'égards".

Podemos agora dizer que a sequência

(13) **mal eu sei o que me vai acontecer*

não é bem formada porque *mal* exige uma dissociação entre o saber de S_0 e S_i em T_0 e T_2 . Essa dissociação existe em

mal [eles] sabem o que lhes vai acontecer

e por isso é uma sequência bem formada. Ora, em T_0 , S_0 sabe. Por isso mesmo

(14) *mal eu sabia ...*

é uma sequência bem formada porque $T_2 < T_0$.

5. O que há de comum aos valores de *mal* em anteposição?

Considerámos *mal* marcador de uma operação de determinação

A — de Construção;

B — de Especificação;

C — de Relação (pontual, temporal/aspectual);

D — Negação intermodal.

1. Nos três casos paradigmáticos A, C e D, a significação é construída por uma operação de localização abstracta em que o termo localizador é uma ocorrência mínima da propriedade, primeiro ou último ponto do domínio.

2. A significação é por isso construída num espaço fronteira entre o Interior, zona das ocorrências positivas do domínio nocional, e o Exterior, zona das ocorrências negativas:

2.1 em A temos duas zonas no domínio de uma noção;

2.2 em D temos dois intervalos complementares do Tempo da Enunciação T_0 : um anterior e outro ficticiamente posterior;

2.3 em C temos dois domínios que são construídos numa relação consecutiva.

3. Nos três casos há uma apreciação do enunciador sobre a relação predicativa, a sua perspectiva sobre o acontecimento.

4. O espaço intermodal em que se constrói a significação é sempre pontual no sentido temporal ou nocional. Veja-se C. Ele representa em D uma passagem fictícia entre o negativo, *não saber*, ao positivo, *saber*. Digo fictícia porque se trata

de uma perspectiva do enunciador já que a relação está estabilizada em T_0 .

4.1 Por isso, o valor de imediatez, de consecutividade temporal pode estar nas sequências D se a ocorrência tiver um valor perfectivo ou iterativo como em, p.e.

(7) *a Inês mal sabia que ia cair, atirava-se para não se magoar*

4.2 Por isso,

(12) *mal eu soube... ..*

tem apenas esse valor temporal/aspectual perfectivo.

5. Parece pertinente a introdução do conceito metalinguístico 'intermodal' para a descrição de *mal* porque permite trabalhar com várias categorias ao mesmo tempo e com as relações intersubjectivas dando conta da estereoscopia dessa forma linguística. A complexidade de *mal*, oscilando entre o primeiro e o último ponto de um domínio, no espaço intermodal da positividade e da negatividade está na sua plasticidade.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, M.H.C. 1994 — "Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais", comunicação ao Encontro Internacional sobre o Português, Lisboa, Abril 1994, 4.
- CUESTA, P.V. & M.A.M. da Luz 1980 — *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, edições 70.
- CULIOLI, A. 1981 — "Sur le concept de notion", *BULAG* 8, 62-69.
- CULIOLI, A. 1990 — *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- CUNHA, C. & L.F.L. Cintra 1984 — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, edições João Sá da Costa.
- FRANCKEL, J.-J. & D. Lebaud 1990 — *Les figures du sujet*, Paris, Ophrys.
- FRANCKEL, J.-J. & D. Paillard 1989 — "Objet - Complément - Repère", *Langages* 94, 115-127.
- FRANCKEL, J.-J. & D. Paillard 1991 — "Discret Dense-Compact; vers une

typologie opératoire", in C. Fuchs (ed) *Les typologies de procès*, Paris, Klincksieck, 103-136.

FRANCKEL, J.-J. & D. Lebaud 1992 — "Lexique et Opérations - Le lit de l'arbitraire", in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 89-105.

PAILLARD, D. 1992 — "Repérage: construction et spécification", in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 75-88.

RATIÉ, M. 1989 — "A propos de quelques adverbes de négation implicite", in *Cahiers de recherche en grammaire anglaise, tomo IV*, Ophrys, 65-92.

VOGÜÉ, S. de 1988 — "Référence et Prédication" in *Recherches Nouvelles sur le Langage*, collection ERA 642, DRL, Laboratoire de Linguistique Formelle, Université Paris 7, 108-138.

VOGÜÉ, S. de 1993 — "Des temps et des modes", *Le Gré des Langues* 6, 65-91.